

“FAZENDO A LINHA”: MASCULINIDADE(S) E DESEJO PELO MESMO SEXO NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM OUTROS HOMENS EM POUSO ALEGRE, SUL DE MINAS GERAIS

*Eduardo Moreira Assis**

Resumo: De que maneira homens que fazem sexo com outros homens lidam com diferentes masculinidades, experimentam suas sexualidades e elaboram o conhecimento de si próprios e dos outros? Como essa experiência costura-se ao viver urbano, considerando-o em uma cidade de pequeno porte? Nas histórias de vida de homens entre vinte e cinquenta anos de idade moradores de uma cidade com menos de 120 mil habitantes no sul de Minas Gerais (Pouso Alegre), estas questões permitem apreender e refletir sobre como uma concepção modelar de masculinidade, baseada em uma referência hétero-normativa, tem perpassado as sociabilidades articuladas em torno do desejo pelo mesmo sexo.

Palavras-chave: Masculinidades. Desejo pelo mesmo sexo. Teoria queer. História oral.

Abstract: The present article aims to discuss the manners which men that have sex with other men deal with and evaluate different masculinities, experience their sexualities and formulate knowledge on themselves and other men wandering how their life experiences are attached to the urban life experience, considering it in a small Minas Gerais State town in which live about 120 thousand inhabitants. This article analyses life histories of men from 20 years old to 50 years old discussing the straight-based standardizing idea of masculinity that has been present on the social relationships established amongst men that have sex with other men.

Keywords: Masculinities. Same sex desire. Queer theory. Oral history.

(Re)CORTES E COSTURAS

SOBRE A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

No início, a pesquisa que originou este artigo pretendia concentrar suas análises sobre as formas de socialização baseadas no desejo pelo mesmo sexo. Dentro de toda essa amplitude, o interesse se tornava particular com relação ao surgimento de ambientes lúdico-festivos articulados em torno desse desejo na cidade-natal do pesquisador, Pouso Alegre, sul de Minas.

* Doutorando em História pela PUC-SP (2007-2011), com bolsa CAPES, sob orientação da Profª. Drª. Denise Bernuzzi de Sant'Anna. Contato: assis.eduardom@gmail.com.

A primeira história de vida realizada foi com o dono de um brechó da cidade, chamado Airton. A partir dele e de suas redes de convivência, outros depoentes foram contatados, o número de fontes ganhou corpo rapidamente e a viabilidade da pesquisa tornou-se realidade. Essa foi a fecundação do trabalho.

No doutorado, o retorno às fontes gerou uma série de novas inquietações e gradativamente foi ficando mais claro que o “x da questão” não girava em torno dos ambientes lúdico-festivos. É marcante na fala dos sujeitos desta pesquisa a presença ora mais sutil, ora mais intensa, de um ideal de masculinidade conformado por diversos contextos da vida cotidiana – relações de amizade, afetivo-sexuais, de trabalho, familiares, com a cidade. A partir dessa observação, procurou-se problematizar neste artigo de que forma se dá a relação entre as diferentes masculinidades dos diferentes sujeitos e essa referência de masculinidade que orienta a própria formação viril, com a qual negociam seu encaixe na realidade social.

MASCULINIDADES, GÊNERO, PERFORMANCE

A noção modelar de masculinidade de que se fala – indivisível, inabalável, única e como será visto adiante, inatingível – tornou-se objeto de estudos há algumas décadas apenas, originadas pela crítica feminista responsável por problematizar a ordem patriarcal e a dominação masculina sobre as mulheres, abrindo caminho para que fosse pensada como um fardo que pesava e dominava igualmente aos homens. Assim, o conceito de “masculinidade” passou por um processo de desconstrução tão intenso de forma que pensá-lo no singular perdeu sentido, passando a ser entendida como pluralidade e diversidade.

A crítica a tal tipo de masculinidade não é uma filha pródiga do século XX como se pode supor pelos parágrafos acima. O ideal viril já havia sido atingido antes por questionamentos variados no Ocidente, marcadamente em contextos nos quais a emancipação feminina¹ foi suficiente para gerar um grande “mal-estar” conhecido como “crise da masculinidade”. Na segunda metade do novecentos, a discussão que explode especialmente depois da Revolução Sexual, fez vir à tona a necessidade de perceber que existiam diferentes maneiras de ser homem, cultural e historicamente variáveis (BADINTER, 1993, p. 11-22).

Essa quebra de paradigma que ficou conhecida por “crise da masculinidade” e o surgimento ou percepção dessa pluralidade viril não destruí-

¹ Esses momentos de emancipação feminina nos quais a dominação masculina e o ideal de homem foram questionados ocorrem, segundo Badinter (1993), a princípio, na França dos séculos XVII e XVIII entre as camadas nobres; na virada do século XIX, com os movimentos por emancipação da mulher; no século XX, com as duas guerras mundiais.

ram, porém, a “antiga” noção de homem – patriarcal, solitária, machista, falocêntrica. Também não é possível afirmar que a noção de masculinidade modelar tenha se tornado apenas mais uma entre tantas: a pluralidade e a crise existem porque a noção no singular ainda é forte, porque a negociação e a legitimação delas se dão em uma esfera relacional, através de lutas no cotidiano com altos graus de tensão, de maneira silenciosa ou não, interferindo diretamente na construção de subjetividades e na busca por equidade nas relações de gênero.

Entendendo gênero enquanto categoria filosófica e analítica formulada para pensar masculino e feminino como papéis sociais, historicamente constituídos, culturalmente variáveis e dissociados de sexo biológico (SCOTT, 1990, p. 5-22), o conceito de *performance* de Butler (2005, p. 315-317) auxilia as reflexões sobre a maneira como essa virilidade modelar é erigida, exigida e experimentada pelos depoentes.

É importante salientar que a noção de performatividade do gênero diz respeito às formas pelas quais os conteúdos associados a masculino e feminino são produzidos, direcionados e, mais ainda, vividos e retro-alimentados pelos sujeitos nas relações sociais das quais fazem parte, percebendo esses conteúdos como destinos aos quais jamais se chega plenamente (BUTLER, 2005, p. 324-325). Por isso, antes de prosseguir, cabe falar um pouco sobre a história da cidade escolhida para a realização deste estudo de caso, cuja trajetória se cruza às narrativas de vida analisadas.

ONDE?

Pouso Alegre fica às margens da rodovia Fernão Dias e muito provavelmente o leitor já passou por ela em seu trajeto para Belo Horizonte ou São Paulo. É uma cidade nascida como parte de outro caminho, bem mais antigo: o que levava à região das jazidas de ouro e pedras preciosas de Minas Gerais. Isso porque, em meados do século XVIII, os tropeiros que seguiam para Vila Rica eram obrigados a parar na região onde se desenvolveu Pouso Alegre por alguns dias, até que o nível dos rios baixasse e a viagem pudesse prosseguir. Em 1755 o pouso de tropas se tornou posto de fiscalização, ou Registro, criado pela Capitania de Minas Gerais para coibir o contrabando de metais e pedras preciosas. E foi somente em 1848 que Pouso Alegre recebeu a denominação de cidade.

Ali, a presença da Igreja Católica é marcante, contribuindo para isso a referência de letramento para as cidades vizinhas que Pouso Alegre se tornou, posto que as principais instituições de ensino da cidade foram fundadas por religiosos no começo do século passado.² Isso sem mencionar

² Aqui segue uma relação das instituições fundadas no primeiro quartel do século XX em Pouso Alegre e a qual público se destinava. Ginásio e Seminário Diocesano – que se tornou a Faculdade Católica de Pouso Alegre,

que a própria criação do Bispado, em 1899, e depois a elevação à categoria de Diocese, no começo do novecentos, se consolidaram como marcos de progresso pela historiografia tradicional (GOUVÊA, 1998, p. 125-128, 181-187).

Porém, de todas as décadas de sua história é possível notar que nenhuma foi de mudanças tão intensas quanto os anos 1970. Foi nesse período que Pouso Alegre se tornou o que é hoje, por conta de transformações mais profundas que se fizeram notar em seus limites espaciais e seus modos de vida, originadas da necessidade de mão-de-obra qualificada, predominantemente paulista, e do crescimento urbano acelerado das décadas de 1970 e 1980 (FREITAS, 2003). Nessas duas décadas em questão, a população pouso-alegrense praticamente dobrou.³ Desse fenômeno, inclusive, participaram moradores da zona rural municipal e moradores de cidades vizinhas menores, todos buscando trabalho e melhores condições de vida. Até a década de 1960, contudo, o retrato da cidade não era bem esse.

Muitas ruas em terra batida, bairros sem saneamento, redes de telefonia e de transmissão de energia em condições precárias, a pecuária e a agricultura como pilares da economia municipal: essa era a Pouso Alegre que se pretendia deixar para trás (ASSIS, 2005). Por isso, no final dos anos 1960, uma série de obras tidas como “modernizadoras” – canalizações de córregos, implementação de grandes avenidas, de cabos de telefonia, nova rede de energia, asfaltamento de ruas e a construção das primeiras indústrias – alterariam as feições da cidade intensamente.

Esse boom de desenvolvimento encontrou freio na década de 1990, quando o fechamento de algumas fábricas no município – que partiram para outras localidades brasileiras em busca de incentivos fiscais mais vantajosos – gerou um período de estagnação e desemprego (MODESTO, 1997).

Atualmente, o crescimento econômico foi retomado e novas fábricas foram instaladas na cidade. Sua população estimada é de cento e vinte mil pessoas e a renda per capita é estimada em mais de sete mil reais. A presença industrial diversificada faz com que, de acordo com sua administração, a cidade seja considerada um “pólo industrial multisetorizado”, com indústrias alimentícias, químicas, de peças automotivas e de calçados, para mencionar algumas.⁴

recentemente, para meninos da elite, e a Casa de Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Maria, entre 1901 e 1905; em 1911, a instalação da Escola Normal Santa Dorotéia – que não existe mais – para a formação das meninas da elite da cidade e região; depois, em 1917, a criação da Escola Profissional Delfim Moreira – ainda em atividade – voltada somente à formação de meninos carentes.

³ Cabe acrescentar as estatísticas do IBGE referentes ao crescimento populacional em quase quarenta anos: na década de 1970 a população de Pouso Alegre era de 38.070 habitantes, saltando na década de 1980 para a marca de 57.362 habitantes. Em 1991, a população era de 81.836 habitantes e em 1996, de 93.166 habitantes. No ano 2000, Pouso Alegre contava 106.776 moradores (IBGE, s.d.).

⁴ De acordo com as informações da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre, a cidade constitui um “pólo industrial multisetorizado” com a presença de empresas brasileiras e multinacionais de grande porte como a Unilever e a Yoki (alimentos), a USIPARTS, a Johnson Control’s e a Sumidense (setor automobilístico), a União Química, os

Além das indústrias, têm expressão na economia local o cultivo de arroz e de morango e o intenso setor de serviços, responsável por atrair uma grande quantidade de pessoas vindas de cidades próximas para comprar no varejo, fazer tratamentos de saúde, resolver problemas legais e bancários, estudar ou mesmo divertir-se em Pouso Alegre desde que ela se tornou, no final dos anos 1960, uma referência para cidades menores no sul de Minas (GOUVÊA, 1998), cujas transformações e possibilidades levaram os depoentes à relacionar-se com a cidade em algum momento de suas vidas.

CAMINHOS ESCOLHIDOS

A trajetória da cidade nas últimas décadas integra as próprias trajetórias de vida de Airton, Alexandre, José Mário, Lucas, Tony, Vladimir e Wellington, os protagonistas deste artigo, na medida em que suas narrativas de Pouso Alegre emergem como lugar de chegada, de partida, de nascimento, de possibilidades, de expectativas.

Utilizando a história oral como metodologia, foi escolhida a técnica de histórias de vida, considerando que o viés biográfico permite acessar a trajetória sexual desses homens e o exercício que eles fazem de auto-(re)conhecimento e explicação de si e do mundo ao longo da gravação.

Neste artigo são trabalhadas sete narrativas biográficas de homens entre vinte e cinquenta anos,⁵ cujas idades mencionadas no texto são aquelas registradas no momento da gravação. Todas as falas foram autorizadas pelos depoentes e para referenciar algumas delas recorreu-se ao uso de pseudônimos, já que a maioria concordou com a entrevista desde que nomes reais não fossem mencionados. Por uma questão ética, não se estabelece distinção ou esclarecimentos quanto a quais sujeitos são ou não referidos por seus nomes verdadeiros.

Quanto à heterogeneidade das idades desses homens, não se considerou em momento algum o trabalho sob recorte geracional. Optou-se igualmente por não selecionar uma única faixa etária para estudo por não se tratar de uma etnografia, mas de um trabalho que se propõe apreender nas narrativas desses homens que fazem sexo com outros homens rupturas e permanências nas práticas e representações da experiência do desejo pelo mesmo sexo e a construção de subjetividades nesse processo, emprestando algumas categorias das Ciências Sociais, em especial da Antropologia.

Laboratórios Sanobiol e Cimed (farmacêuticas) e a Sobral Invicta (garrafas térmicas). Distâncias: São Paulo, 200 Km; Rio de Janeiro, 360 Km e Belo Horizonte, 384 Km (PREFEITURA MUNICIPAL, s.d.).

⁵ Foram realizadas vinte e oito entrevistas: vinte e três histórias de vida com homens entre dezessete e cinquenta anos, e cinco entrevistas temáticas sobre eventos e patrocínios destinados às festas “gays” da cidade. Todas as entrevistas foram realizadas entre outubro de 2005 e fevereiro de 2007. A maioria das gravações foi realizada na casa do pesquisador, tendo sido poucos os ouvidos em suas residências. Também houve quem cedesse depoimento em seus locais de trabalho, por serem donos do próprio negócio, comumente depois do expediente.

Outra opção adotada foi a ausência de recorte cronológico, preferindo apreender o vai-e-vem da memória dos depoentes e as camadas de passado e interpretação que acumulam, tendo sido selecionados trechos significativos das narrativas, em vez de colocar a pergunta do pesquisador seguida da resposta do depoente. Nesse exercício de interpretação, a transcrição foi colocada o mais próxima possível da experiência oral, respeitando as pausas, os silêncios, as rupturas e articulações dos discursos, bem como o clima descontraído responsável pelas várias risadas que são mencionadas nas transcrições.

Do conjunto de histórias de vida analisadas, a narrativa de Tony é a única que tem um tratamento diferenciado, porque sua experiência difere da experiência dos outros homens ouvidos: até 2001 ele viveu uma identidade transexual.⁶ Como a pesquisa concentra-se exclusivamente sobre a experiência de homens que fazem sexo com outros homens,⁷ e a experiência transexual por si só já compõe outra temática, trabalhei sua fala enquanto conjunto de informações significativas relacionadas ao surgimento dos ambientes lúdico-festivos articulados em torno do desejo pelo mesmo sexo em Pouso Alegre.

Enquanto trabalho sobre masculinidades e homens que fazem sexo com outros homens, obviamente, não se contempla aqui experiência do desejo pelo mesmo sexo vivida por mulheres. Eleger apenas homens enquanto sujeitos desta pesquisa tem a ver com a experiência socialmente constituída do que se apresenta como referência de virilidade: máximas como “homem não chora”, brincadeiras agressivas e ofensivas na época de escola e depois, mais ainda, como tais valores repercutiam também dentro de sociabilidades orientadas pelo desejo pelo mesmo sexo funcionaram como estímulos para que os questionamentos e incômodos do pesquisador fossem transformados no estudo que os parágrafos a seguir apresentam resumidamente, como recorte.⁸

⁶ Por fazer parte de uma experiência transgênero, o trabalho com a trajetória de vida de Tony demanda outras categorias de análise e problematizações, que não cabem neste trabalho. No momento de realização da entrevista, o depoente estava casado com uma mulher, ele e a esposa morando na casa da mãe de Tony, ambos convertidos a uma igreja neo-pentecostal.

⁷ O termo “homens que fazem sexo com outros homens”, ou HSH, foi emprestado da área da Saúde por fazer referência à prática sexual e não a pressupostos identitários. A referência aos sujeitos será feita através do termo completo, descartando-se o uso da sigla. “Homossexualidade”, “homossexual”, “heterossexualidade”, “heterossexual e “gay” são termos que não serão empregados no texto senão entre aspas. Em torno dessas categorias paira uma questão importantíssima na qual se detém todos os estudos que pensam o desejo pelo mesmo sexo exatamente por remeterem a conotações essencialistas da sexualidade. Os sentidos desses termos e os cuidados que eles suscitam nos pesquisadores da temática das “homossexualidades” serão devidamente problematizados no corpo do texto páginas adiante.

⁸ Este texto traz algumas reflexões que são parte da pesquisa de doutorado intitulada provisoriamente como “Em algum lugar além do arco-íris²: masculinidades e sexualidade na trajetória de vida de homens que fazem sexo com outros homens em Pouso Alegre- sul de Minas Gerais”.

Por fim, encerrando esta apresentação, vale esclarecer que embora não seja um militante da “causa homossexual”, o autor encara seu trabalho como contribuição para se pensar e problematizar a experiência do desejo pelo mesmo sexo no Brasil. Uma experiência levada a termo, por seu turno, fora do eixo Rio São Paulo, fora dos contextos metropolitanos sobre os quais a maioria da produção sobre a temática incidiu até pouco tempo, de modo a acrescentar outras vozes a uma discussão cuja tendência é aumentar.⁹

“FAZENDO A LINHA”:

MASCULINIDADE(S) E DESEJO PELO MESMO SEXO NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM OUTROS HOMENS EM POUSO ALEGRE, SUL DE MINAS GERAIS

“ANTIGAMENTE NÃO TINHA ESSE NEGÓCIO DE GAY, NÃO-GAY”:

DESEJO PELO MESMO SEXO E VIVÊNCIA URBANA

Tony¹⁰ morava em sua cidade natal, Caraguatatuba, litoral de São Paulo, quando foi expulso de casa aos quinze anos por sua mãe, em 1975, ao revelar à família sentir desejo pelo mesmo sexo. Viveu em algumas cidades do interior paulista como São José dos Campos e Campinas e nessa época já havia se tornado Tonya.

Na década seguinte, mudou-se para o sul de Minas. Primeiro Poços de Caldas, onde sua mãe morava; depois, Pouso Alegre no fim dos anos 1980, para trabalhar como cabeleireira a convite do proprietário de um famoso salão de beleza local.

Quando chegou a Pouso Alegre, levou certo tempo até que Tonya se acostumasse à cidade e vice-versa: fazia-lhe falta a existência de espaços e redes de sociabilidade articuladas em torno do desejo pelo mesmo sexo com as quais habituara-se em São José dos Campos e Campinas. Mas não demoraria muito até que ela própria pusesse fim ao incômodo organizando algumas festas com a intenção de “... ajuntar as bibas¹¹ para que elas mostrassem o que eram sem medo e sem repressão”. Isso porque, segundo conta,

⁹ Vem se notando um aumento considerável na produção sobre “homossexualidades”, “transexualidades” etc. que pode ser acompanhado pela Plataforma Lattes e em diversos eventos que reúnem pesquisadores de várias áreas do saber voltados para o assunto, dentre os quais se destaca o Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos da Homossexualidade – ABEH. Neste ano, a VI edição do evento (que ocorre de dois em dois anos) foi realizada na USP entre os dias 09 a 12 de setembro de 2008. Em mesa plenária, chegou-se a discutir as “homossexualidades”, “transexualidades” como campos de saber e não mais como temas de pesquisa, bem como se contextualizou e se problematizou a produção acadêmica a partir do aumento substancial de trabalhos inscritos no evento e dentre esses, da quantidade de pesquisas com recortes espaciais distintos do eixo Rio-São Paulo, das regiões metropolitanas e das grandes cidades brasileiras.

¹⁰ TONY – quarenta e cinco anos, casado, esteticista. Entrevista realizada em 18 de novembro de 2005. Aprox. 120 minutos.

¹¹ Termo popular para “homossexual” masculino. É equivalente a “biu”, sinônimo de “bicha”, “viado”, “mona”, e é muito usado como interpeleção dentro das sociabilidades orientadas pelo desejo pelo mesmo sexo, esvaziado da intenção de insultar e re-significado quase como pronomes de tratamento.

(...) a vida dos homossexuais de Pouso Alegre na época, ou até alguns anos atrás, era *dentro de ambientes hétero, fazendo a linha* [grifo meu], de mãos dadas com meninas, beijando meninas na boca, mas afim dos meninos. Aí rola as coisas no banheiro, atrás dos lugares, nas quebradas, campos de futebol...

Tony assinala mais que uma experiência de marginalidade exemplificada por práticas do desejo refletidas nos usos de determinados espaços da cidade. Permeia sua fala uma experiência de invisibilidade empreendida pelos sujeitos, uma estratégia de proteção através da qual ora se faz a linha com as meninas nos “ambientes hétero”, ora se perde a linha com os rapazes em lugares públicos e marginais. E fica expresso igualmente que “fazer a linha” é o que permite a esses rapazes circularem por uma cidade cujos espaços, antes de Tony, ainda não eram vivenciados de forma dicotômica como “hétero” ou “homossexuais”.

José Mário¹² conta que nos anos 1970, os bares Samoara e Cabana, e depois, nos anos 1980, Carlitos e Papillon, eram os principais pontos de encontro de Pouso Alegre. Era ali que diferentes grupos se reuniam para colocar a conversa em dia e descontraír. Era a época da zona de prostituição, onde ele e seus amigos também gostavam de se divertir jogando conversa fora e bebendo com as prostitutas, mas, como fez questão de ressaltar: “... sem envolver sexualmente com elas, porque eu não sou sapatão também! [risadas] Era falta de opção, não tinha muita coisa aqui em Pouso Alegre...”. Segundo ele explica, “naquele tempo não tinha esse negócio de gay, não-gay. Os gays iam lá [nos bares], sem dar muita bandeira. Lá dentro eles se revelavam, bebiam e começavam a dar em cima dos homens e aí... levavam porrada [risadas]”.

José Mário nasceu em Pouso Alegre em 1956, onde passou toda sua infância e parte de sua adolescência. Na juventude, a partir de 1974, morou em várias outras cidades como Juiz de Fora, Palmas e no interior de São Paulo. Retornou a Pouso Alegre nos anos 1980, graduou-se em Direito em 1987 e desde então trabalha como advogado. Considera-se assumido, embora nunca tenha dito à família gostar de homens por considerar desnecessária essa verbalização.

Filho de uma dona de casa com um capitão do Exército, caçula de quatro irmãos, duas mulheres e dois homens, sua educação foi bastante rígida tanto pela formação do pai quanto pela presença do catolicismo em sua família. E, como Tony, já havia conhecido e circulado por ambientes articulados pelo desejo pelo mesmo sexo em cidades maiores.

Antes das festas de Tony as estratégias eram outras, o que não quer dizer que, depois das festas de Tony elas tenham deixado de existir. A questão aqui é compreender que os jogos de sedução encontravam diversas ma-

¹² JOSÉ MARIO, cinquenta anos, solteiro, advogado. Entrevista realizada em 30 de julho de 2006. Aprox. 50 minutos.

neiras de serem jogados e em meio a uma presença religiosa tão marcante na cidade até mesmo as festas católicas, as conhecidas quermesses, se transformavam em lugares de práticas de sedução inventivas, silenciosas e levadas a cabo por diferentes categorias de “homossexuais”,¹³ conforme emerge no relato de Airton.¹⁴

Nascido em Santo André e com formação em Administração de Empresas, Airton trabalhava em São Paulo com feiras de moda quando seu companheiro faleceu. Decidiu mudar de vida, largou tudo e foi para Pouso Alegre, aos vinte e oito anos, em 1992.

A escolha da cidade não foi por acaso: seus pais já moravam lá desde o final da década de 1970, quando seu pai, torneiro mecânico, mudou-se de Santo André com emprego garantido em uma indústria estabelecida em Pouso Alegre levando junto sua esposa dona-de-casa, mãe do depoente. Era a época em que a cidade começava a industrializar-se. Nessa mudança seus dois filhos ficaram no ABC paulista; Airton era o caçula, antes dele, outro rapaz e depois, já em Minas, seus pais adotaram uma garota.

Airton, que se considera abertamente assumido, mas “discreto”, ganhava a vida na cidade-destino com um brechó, o primeiro pouso-alegreense, aberto com as roupas que trouxe consigo. Como nem tudo era trabalho não demorou até que a falta das opções de lazer com as quais estava acostumado em São Paulo – e a solidão – começasse a dar as caras. Foi quando seus primeiros amigos na cidade o levaram até uma quermesse, ironicamente, a de Santo Antônio: o objetivo era a paquera, era conseguir um parceiro. Assim, Airton conta:

(...) Eu lembro que naquela época, naquela época tinha aquela festa no [bairro] Santo Antônio. Tinha aquela quermesse, que hoje eu nem sei se existe mais isso. A gente ia muito nessas festinhas. *Eles iam caçar os bofes deles nessas festas!* E eu não entendia nada, cara! Aí eu falei: ‘junta uma grana, vamos pra São Paulo que eu vou levar vocês em uma boate’. Levei os dois, eu adorando, encontrando com meus amigos e os dois sentados lá, assim, no canto. E eles falavam: ‘*Mas tudo isso é viado, Airton! Aqui não tem homem? É tudo viado!*’ Aí eu não agüentei. Você vê a diferença? [grifos meus]

Em grandes cidades e capitais, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, já existia todo um circuito composto por cinemas, ruas, bares, sau-

¹³ A expressão “categorias de ‘homossexuais’” faz referência à pluralidade de categorias de homens que fazem sexo com outros homens, no sentido de que existe uma miríade de tipos que vai bem além do duo bicha-bofe. As categorias abarcam tanto as representações estereotipadas, presentes no senso comum acerca do sujeito de desejo pelo mesmo sexo, a que serve de exemplo a figura da “bicha” como referência ao homem afeminado, e o “bofe”, enquanto “machão”. Só para citar algumas outras categorias, existem os “enrustidos” (não-assumidos), “os ursos” (homens peludos e acima do peso), as “barbies” (homens musculosos), “lolitos” (rapazes), as “irenes” (homens entre quarenta e cinqüenta anos) e as “barrocas” (homens acima dos sessenta anos de idade) entre várias mais.

¹⁴ AIRTON, quarenta e dois anos, solteiro, comerciante; considera-se assumido. Entrevista realizada em 05 de outubro de 2005. Aprox. 100 minutos.

nas e boates onde as experiências de desejo pelo mesmo sexo eram exercitadas. Esses espaços ganharam corpo na década de 1970, no contexto da Ditadura Militar (MACRAE, 2005, p. 292), quando o que viria a ser o Movimento Homossexual Brasileiro começava ser articulado sob influência direta dos acontecimentos de Stonewall Inn,¹⁵ nos Estados Unidos, pelas primeiras paradas gays que aconteceram em países anglo-saxões, pelo papel dos movimentos contestatórios do Regime Militar brasileiro e, nos anos 1980, pelo retorno dos anistiados ao país e por toda a efervescência e esperança provocada pela reabertura política (GREEN, 2000, p. 271-295).

Parte do processo de questionamento das representações pejorativas da homossexualidade e aumento de sua visibilidade e positivação através do engajamento político da militância, esses espaços de identidade “homossexual” foram pensados como “guetos”. Não no sentido literal da palavra, mas como ambientes protetores, cuja função maior era política: nesses espaços o indivíduo testaria sua “identidade homossexual” e assim funcionaria como um estágio que culminaria na assunção pública da “homossexualidade” (MACRAE, 2005, p. 299), parafraseando Tony, “sem medo e sem repressão”.

Porém, Pouso Alegre estava distante desse contexto. Na cidade sul-mineira, no mesmo período, o que mais se fazia notar era o pensamento de modernização urbana expresso pela tríade “indústrias, crescimento, progresso”. Os maiores choques culturais, reflexos de todas as transformações resultantes dessa fórmula ficaram bastante evidentes na batalha travada contra a zona de prostituição no centro da cidade, através da qual se viu lances de especulação imobiliária, a afirmação a qualquer custo da imagem de cidade ordeira e promissora e o esgotamento de um modelo de sexualidade baseado no papel social da prostituição como mecanismo de controle da sexualidade feminina e de iniciação sexual dos homens (ASSIS, 2005).

José Mário menciona que “antes não havia esse negócio de gay, não-gay” e Tony, “que a vida dos homossexuais de Pouso Alegre era dentro de ambientes hétero, fazendo a linha”. Em outro momento de seu depoimento, por sua vez, explica que a intenção com suas festas era “... ajuntar as bibas pra que elas mostrassem o que eram, sem medo e sem repressão”. Com o

¹⁵ Stonewall Inn era um bar de frequência “homossexual” bastante conhecido em Nova York, localizado na Rua Christopher, em Greenwich Village. Na época, a polícia fazia visitas ostensivas ao bar, extorquindo dinheiro de seus frequentadores e abusando do poder com perseguições. O que os policiais não esperavam no dia 27 de julho de 1969, dia do funeral de Judy Garland, um ícone “gay”, era a resistência daqueles homens. Houve choque entre os policiais e os frequentadores do bar e confrontos que se estenderam por dias, deixando alguns mortos. Um ano depois, era realizada a primeira parada do orgulho gay do mundo, em memória dos acontecimentos de Nova York. A importância de Stonewall Inn fica a cargo do redimensionamento da luta pelos direitos “homossexuais” e da articulação política que se engendrou através do termo “gay”, que passou a evocar um modo de vida urbano, metropolitano, legitimado, com padrões estéticos e de consumo, cujo princípio norteador era a assunção pública do desejo pelo mesmo sexo, considerado um dado biológico, da mesma maneira que “homossexual” (SPENCER, 2002, p. 348-353, TORRÃO FILHO, 2000, p. 205-206), conforme será discutido adiante.

surgimento de tais ambientes lúdico-festivos foram introduzidas novas leituras da cidade. Nessas leituras, os espaços urbanos passaram a ser vistos sob novos vieses, particularmente por seus frequentadores e outros sujeitos de desejo pelo mesmo sexo que sabem de sua existência, mas não o frequentam: “hétero” ou “homossexuais”.

A proposição libertária e protetora desses lugares articulados em torno do desejo pelo mesmo sexo, além de incidir sobre a experiência *na e da* cidade levada a termo pelos sujeitos, também se estendeu – e o faz até hoje – à leitura que os sujeitos fazem de si e dos outros, encontrando estreita relação com as referências de masculinidade e de papéis sexuais dentro mesmo das sociabilidades organizadas pelo desejo pelo mesmo sexo, como é possível perceber na fala de Wellington.¹⁶ Ele diz:

(...) uma coisa que me espanta muito, me estranha muito, e talvez nisso eu seja careta, não sei se te interessa saber disso, mas... quando eu comecei a ir em boate aqui os papéis eram mais definidos, *quem é homem...* [neste ponto, o depoente interrompe a narrativa bruscamente e faz uma pausa curta, mudando o tom de voz em seguida] *Quem é ativo e quem é passivo*, vamos colocar assim, de uma maneira mais grosseira. E hoje, não: *ocê vê rapazinhos super-delicadinhos que são ativos e machos que são super-passivos*. E há dez anos atrás isso era mais definido. Você chegava na boate e *ocê sabia quem era quem*. Você não ficava, como diz uma amiga minha, não ficava dando varada n’água. [risadas] Você sabia... [grifos meus]

Wellington nasceu em uma cidade pequena próxima a Pouso Alegre, em 1965. Penúltimo de nove irmãos trabalha como professor da rede pública estadual e mora em Pouso Alegre há pouco mais de uma década. A exemplo de Tony, Airton e José Mário, também conheceu diversas cidades maiores antes de estabelecer-se na cidade, tendo saído de sua cidade-natal na juventude para cursar graduação no interior do estado de São Paulo.

Depois de graduado, morou em várias cidades pequenas do sul mineiro e depois no interior paulista, em Taubaté, São José dos Campos e Pindamonhangaba. Foi nessas cidades que conheceu as boates e a “vida gay”. Para ele, muita coisa mudou desde que se estabeleceu em Pouso Alegre e começou a frequentar a boate “gay” da cidade, lugar o qual, segundo explicou, deixou de marcar presença, restringindo suas idas a ocasiões isoladas. Considera-se assumido publicamente, mas, segundo afirmou, não é do tipo que “levanta bandeiras”, considerando-se muito reservado.

A narrativa de Wellington explicita algo presente nas entrelinhas de todas as outras falas trabalhadas: a concepção binária de sexualidade e a referência hétero-normativa perpassando a vivência urbana e a construção de sentido seja para as relações sociais, seja para o entendimento dos próprios sujeitos no mundo.

¹⁶ WELLINGTON, quarenta e um anos, solteiro, professor. Entrevista realizada em 16 de novembro de 2005. Aprox. 60 minutos.

Tal entendimento tem a ver com a complexa relação entre papéis sexuais e identidade de gênero, colocada em termos diretos pelo depoente ao estabelecer a associação entre atividade sexual e masculinidade. E mais ainda, ao pensar essas duas instâncias enquanto sinônimos. Esta concepção é de extrema evidência pelo modo como a narrativa é organizada: “papéis mais definidos”, a possibilidade de saber “quem é homem...”, a pausa e a conexão: “quem é ativo e quem é passivo”, “saber quem é quem”.

Existem outros efeitos produzidos pela referência hétero-normativa sobre a sexualidade e o entendimento que os sujeitos constroem de si e dos outros. Aqui, parte-se da dinâmica dos espaços lúdico-festivos e de casos específicos para chegar à problematização do binarismo da sexualidade, percebendo na maneira como alguns sujeitos refletem as práticas e as experiências do desejo pelo mesmo sexo sobre o asfalto uma de suas dimensões.

Isso se dá na medida em que são construídas novas significações para os espaços urbanos e, a partir dessas significações, territorialidades que imprimem sobre a cidade a referência hétero-normativa – com a qual os depoentes negociam o tempo todo, através da qual também é possível saber “quem é quem” de acordo com os lugares que frequentam.

O fato de que em Pouso Alegre “antes não havia esse negócio de gay, não-gay” não significa que a referência hétero-normativa não fosse latente. Pelo contrário. Quando José Mário conta que ia à zona com seus amigos para se divertir, eles iam a um lugar voltado exclusivamente para a sexualidade masculina, no qual “mulher decente” não entrava.

O uso do espaço da zona por José Mário e seus amigos é diferente. E ele deixa bem claro essa diferença ao explicar que não havia envolvimento sexual com as mulheres por não ser “sapatão”. Em um território frequentado por “homens”, existente por conta dos “homens”, José Mário percebia-se como o “outro da masculinidade” (OLIVEIRA, 2002, p. 70) e em sua narrativa o exprime enquanto tal, já que “sapatão” se enquadra na experiência do desejo pelo mesmo sexo entre *mulheres*.

Já os amigos de Airton exercitavam suas sexualidades, poderes e jogos de sedução no ambiente das quermesses, em conformação com essa concepção de si mesmos como “outros da masculinidade” ao procurarem naquelas festividades sujeitos que encarnassem para eles o sentido “verdadeiro” da virilidade. E este homem para eles, chamado de “bofe”, nada mais era que aquele homem que faz sexo com outros homens desempenhando o papel de ativo na relação sexual, mas que não se reconhece “homossexual”. É alguém “fora do ‘meio’”, expressão que comumente denomina as sociabilidades orientadas pelo desejo pelo mesmo sexo e quem delas não faz parte. Daí decorre o grande estranhamento com as boates, experimentada por eles em São Paulo como um lugar no qual não conseguiam encontrar aquele tipo de homem que procuravam – e que, poucos anos depois, chegaria a Pouso Alegre.

“QUEM É QUEM”:

DESEJO PELO MESMO SEXO E REFERÊNCIA HÉTERO-NORMATIVA

Embora Tony promovesse um espaço para que as “bibas mostrassem o que eram sem medo e sem repressão” com suas festas, a censura que tentava combater ganhou outros contornos dentro das sociabilidades e dos ambientes lúdico-festivos protetores e libertários originados justamente como contraponto a ela. No interior das sociabilidades orientadas pelo desejo pelo mesmo sexo, re-significadas, refinadas, bastante sutis e fortemente baseadas no deboche, essa “censura” orienta uma adequação a um padrão de comportamento mediado pela referência de masculinidade que emana da “heterossexualidade”, como se observa na reação de Wellington ao explicar que antes não se dava “varada n’água”, ou, ainda, introduzir diferentes categorias de “homossexuais” através dos “rapazinhos super-delicadinhos” que são ativos e dos “machos que são super-passivos”.

A “repressão” referida fica nos termos de uma forma de entendimento que alguns sujeitos têm de uma espécie de “coerência assimétrica” entre prática sexual e identidade de gênero: afeminamento–passividade, masculinidade–atividade. Assim, mesmo que os ambientes lúdico-festivos¹⁷ tenham introduzido novas formas de experimentação identitária, conforme descortina a fala de Wellington, mesmo que a militância gay brasileira venha discutindo desde as décadas de 1970 e 1980 formas mais igualitárias de relação entre pessoas de mesmo sexo visando, justamente, minar a dicotomização “bicha-bofe”, esta dicotomia ainda existe por conta da referência “heterossexual” que valida a explicação da “homossexualidade” como seu contrário e a referência modelar de masculinidade (FRY e MACRAE, 1991, p. 49-54), com a qual todos os sujeitos negociam suas subjetividades.

Nessa lógica binária, hétero-normativa por excelência, a “heterossexualidade” é pensada como referência, como algo natural, coisa que a sexualidade não é. A sexualidade e as identidades sexuais se enraizaram como dados da Natureza de uma maneira tal a partir da segunda metade do século XIX que, no século XX – e neste, conseqüentemente – nem a “homossexualidade” e muitíssimo menos a “heterossexualidade” são pensadas comumente enquanto construções sociais, enquanto categorias cheias de história (JAGOSE, 1996, p. 17).

Os termos estão entre aspas por uma questão simples: para desconstruir e problematizar a história que carregam. Foucault identificou e assinalou a construção das identidades sexuais no século XIX, quando a sodomia entre homens deixou de ser uma prática para dar origem a uma série de classifica-

¹⁷ Ambientes lúdico-festivos são formulações pensadas para agrupar bares, boates, festas e quaisquer outros espaços ou eventos cuja proposta seja de divertimentos voltados para os sujeitos de desejo pelo mesmo sexo.

ções produtoras de “espécies sexuais” e da patologização dos sujeitos agrupados sob esses novos rótulos (FOUCAULT, 2001, p. 43-44).

É dessa forma que surge a palavra “homossexual”. Cunhado em 1869, o termo tinha a intenção de despatologizar o desejo pelo mesmo sexo, mas caiu nas graças da Medicina Legal e foi difundido principalmente no começo do século XX enquanto sinônimo de doença, engrossando o caldo das teorias eugenistas em voga desde o fim do oitocentos. O que o termo tem de tão questionável é justamente a associação com Natureza (TORRÃO FILHO, 2000, p. 166), usada como argumento de defesa por seu criador, um tiro que saiu, como se viu, pela culatra, quando a mesma “natureza” serviu para endossar a “heterossexualidade” em detrimento da “homossexualidade”.

Da mesma maneira, a “heterossexualidade” tem uma história bem parecida com a do termo ao qual serve de contraponto. Como a palavra “homossexual” surgiu para denominar os homens praticantes da sodomia entre si, “heterossexual” veio no sentido de classificar o comportamento sexual excessivo de homens que faziam sexo com mulheres, em 1888 (SPENCER, 1999 ou 2002, p. 12).

Já o triunfo da “heterossexualidade” como norma deveu-se sobremaneira à consolidação dos valores burgueses no oitocentos, cuja moral levou a preocupação com produtividade para o seio das relações familiares. O biologicamente reprodutivo foi ligado ao desejo pelo sexo oposto e socialmente sancionado, contribuindo para que o desejo pelo mesmo sexo fosse declarado ilegítimo e associado à degenerescência, lançando as bases para que a percepção da “heterossexualidade” como “regra” enraizasse-se no senso comum, assim como a do desejo pelo mesmo sexo enquanto manifestação “anormal” da sexualidade (MISKOLCI, 2002/2003, p. 110).

Tal concepção hétero-normativa é produtora de desencaixes subjetivos nos sujeitos, já que nessa lógica as sexualidades que não se enquadram, conforme Butler, numa “inteligibilidade do gênero” pautada pela unidade entre os gêneros, o sexo biológico, o desejo e a prática sexuais, são colocadas em oposição à “heterossexualidade”, cuja unidade e sentido funcionam exatamente por esta oposição (BUTLER, 2003, p.38).

O gênero como conjunto de papéis sociais culturalmente constituídos relativos a masculino e feminino precisa ser compatível ao sexo biológico de determinado sujeito enquanto a prática sexual e o desejo deste precisam ser dirigidos a outros sujeitos com gênero e sexo biológico diferentes dos seus. Colocando de outra forma, o macho precisa ser masculinizado, sentir desejo por uma mulher e fazer sexo com uma mulher para ser homem e o mesmo precisa acontecer com uma fêmea para que ela seja considerada mulher. Esse é o sentido da inteligibilidade do gênero.

Ocorre que, de uma maneira bastante peculiar, essa inteligibilidade, mesmo que inatingível, é repaginada pelas relações de mesmo sexo quando o objeto do desejo é o “bofe”. Ou mesmo quando os papéis sexuais são

“mais definidos”, como comentou Wellington. Existe nessas experiências de definição a percepção de certo sentido entre prática e papel sexual pelos sujeitos. Nessas relações faz-se notar uma oposição: os envolvidos na relação sexual não abrem mão de seus papéis e assim a hierarquia sexual é preservada conservando também a identidade de gênero que os sujeitos consideram-se detentores: o ativo como o “homem da relação” e o passivo como a “mulher”, no senso comum.

Como a masculinidade modelar não se dissocia da inteligibilidade do gênero, posto que a referência de virilidade ideal emane da “heterossexualidade” (BADINTER, 1993, p. 36), colocar-se como o “outro da masculinidade” significa posicionar-se em uma zona cinzenta na qual o sujeito às vezes não consegue definir sua identidade, confrontando-se com uma subjetividade desencaixada, como é possível apreender no trecho do depoimento de José Mário citado abaixo. Ele fala o seguinte:

(...) É estranho... por que *you não sabe se é homem ou mulher*. É estranho. É uma coisa meio surrealista. [risadas] *Homem eu não sou. Mulher também não*. E eu não vou sair feito traveco por aí... não cabe... acho isso uma palhaçada. Não que eu tenha preconceito, não censuro, mas é que ao mesmo tempo eu acho engraçado. *E por outro lado, ser homem... Sou homem fisicamente, mas sou mulher psicologicamente!* Eu gosto de homem, meus gostos são bem femininos. São detalhes, arrumação, gênio. Homem não tá nem aí, deixa tudo desarrumado. O que mais? É muito estranho, né? [grifos meus]

Em José Mário, as características que ele relaciona e considera “coisa de mulher” colaboram para que o entendimento que tem de si o posicione nem como mulher, nem como homem ou, em alguns momentos, as duas coisas ao mesmo tempo. E vale lembrar que, páginas adiante, ao dizer não ser “sapatão” por não manter relações sexuais com as prostitutas na zona, nas entrelinhas, deixou uma representação de si como figura feminina. No trecho selecionado, no entanto, julga “palhaçada” e “engraçado” alguém que se veste com roupas femininas, ao mesmo tempo em que avalia para si esta atitude como algo que “não cabe”.

No meio de toda essa viagem que faz sob sua pele, o questionamento sobre o que é ser homem emerge – “por outro lado, ser homem...”, ele diz – e é algo que ele mesmo não consegue responder senão colocando-se em exterioridade, tanto pelos “atributos femininos” como pelos seus objetos de desejo e prática sexual, à virilidade. É como se o “psicológico” fizesse dele tão somente, a despeito de seu corpo, algo que não homem. Como a referência de virilidade da qual parte é idealizada e inatingível, desconsidera a sua própria masculinidade quando comparada ao modelo. Uma masculinidade que é apenas diferente do modelo no qual o depoente foi criado e no qual é marginalizado.

“SEM MEDO E SEM REPRESSÃO?”
MASCULINIDADES, POLICIAMENTO, “DISCRICÃO”

É palpável que existe um problema nessa referência de masculinidade experimentada pelos sujeitos, a que serve de exemplo o trecho selecionado da fala de José Mário. Essa referência é algo que se aprende desde muito cedo, porque desde pequenos os meninos são instruídos a ser homens e a se portarem como “homens” através de um processo caracterizado pela valorização da agressividade e superação da dor (WELZER-LANG, 2001, p. 460-482). Em diversas sociedades tribais a dor física é tida como rito de passagem e a agressividade como orientação comportamental e característica atribuída aos homens. Na cultura ocidental moderna, o esporte assumiu essa conotação do confronto e da experiência de agressividade e sofrimento, um aprendizado que se inscreve no corpo dos sujeitos (OLIVEIRA, 2002, p. 245). A introspecção e as atividades tidas como “caseiras”, tranqüilas, tomadas como atributos destinados à mulher, o “sexo frágil”, a quem se destina o espaço privado, o cuidado com a casa, com os filhos e o exercício das prendas domésticas, aparece como contraponto dessa experiência bruta e embrutecedora.

Perceber-se não contemplado por esses valores, além de uma sensação de deslocamento na identidade de gênero, alimenta um policiamento de si com relação ao exercício dessa masculinidade – um policiamento que notado mesmo sobre aqueles que se encaixam na inteligibilidade do gênero, de modo que não fujam da “regra” –, para o que é significativo o depoimento de Vladimir¹⁸ quando diz:

(...) todo mundo que me conhece mais um pouco deve desconfiar de alguma coisa, porque eu tenho todos os dons de uma dona de casa. Cara, eu lavo, passo, cozinho, cuido das crianças. Quantos homens você conhece que se separaram e ficaram com os filhos? Nossa Senhora, eu tenho horror quando eu vou numa casa e tem aquele marido machão. Nossa, nada a ver! Você tem que fazer tudo! Mas não por isso eu sou gay. Não necessariamente isso me caracteriza ser gay. [grifos meus]

Nesse trecho da narrativa de Vladimir o que chamou a atenção foi tanto a preocupação com a reação ou desconfiança de pessoas de seu círculo com relação a suas preferências sexuais, quanto à necessidade que o depoente tem de se colocar em exterioridade à identificação como “gay”. A prática de relações sexuais com outros homens em momento nenhum é mencionada como elemento que possa conduzir ao enquadramento do depoente junto a uma “identidade homossexual” por outrem, mas sim a somatória dos atributos “femininos”, dentre os quais ele assinala a guarda

¹⁸ VLADIMIR – 40 anos, divorciado, micro-empresário. Entrevista realizada em 18 de novembro de 2005. Aprox. 100 minutos.

de seus filhos quando questiona o pesquisador: “*quantos homens* você conhece que se separaram e ficaram com os filhos?” [grifo meu].

Existe na experiência de Vladimir algo significativo: no depoimento ele posiciona essa relação de habilidades que seriam “coisa de mulher” no âmbito do privado, que é onde a suspeita mencionada por ele ronda. Até porque, para que faça sentido é preciso que a pessoa que desconfia o conheça “mais um pouco”. Em contrapartida, em seu ambiente de trabalho – uma loja de acabamentos para construção civil – foi possível observar em que medida os sinais redundantes de masculinidade emitidos por ele mantêm à distância qualquer possibilidade de ser percebido como outro da masculinidade: as piadas homofóbicas são constantes com seus funcionários; interpelações como “seu viado”, “sua bicha” e “seu gay” fazem parte do cotidiano na loja, principalmente enquanto seu filho esteve presente.

Nascido em uma cidade vizinha a Pouso Alegre em 1964, Vladimir viveu boa parte de sua infância na roça da família, junto com sua irmã mais nova, seu pai e sua mãe, até que aos dez anos mudaram-se todos para Pouso Alegre para que pudessem estudar em escolas melhores.

Seu pai aposentou-se como técnico da Cemig, a Companhia de Energia do Estado de Minas Gerais, e sua mãe sempre atuou como dona-de-casa. Ele concluiu o Ensino Médio, prestou serviço militar por quase um ano, trabalhou na Prefeitura de Pouso Alegre, depois em um banco privado que o transferiu para São Paulo. Retornou a Pouso Alegre aos vinte e três anos, montou uma agência de publicidade, conheceu sua ex-mulher e ficaram casados entre 1991 e 1999. Tiveram dois filhos, uma menina e um menino, hoje com dezesseis e treze anos respectivamente, dos quais, desde o divórcio, tem a guarda.

Por conta de toda a vida familiar e da guarda de seus filhos, pensa-se como “enrustido” e considera uma impossibilidade a assunção pública de seu desejo pelo mesmo sexo. Tem “medo” que seus filhos saibam de suas preferências sexuais. Vive, segundo ele, “do trabalho para a casa e da casa para o trabalho”, “para os filhos”. Dessa forma, quando confrontado com o desejo, já chegou a recorrer à Internet para conseguir parceiros por conta do anonimato associado às salas de bate-papo e aos encontros às cegas. Recordando a experiência, ele conta:

(...) eu entrei numa sala de bate-papo aqui. Eu entrei aqui, mas *aconteceu em outra cidade*, foi no sul de Minas mesmo. Eu perguntei: “de que cidade você é?”. “Paraisópolis”. E aí ele disse: “cara, eu sou assim... tô acostumado a dar, pa-pa-pa, faço isso, faço aquilo”. E você vai fazendo a imagem do cara, né?! Ele perguntou como eu era, eu falei: “olha, tenho o peito todo cabeludo”. “Nossa, eu adoro homem peludo”. Eu falei: “escuta, qual o seu telefone, vou ligar aí agora”. Ele deu, eu liguei e perguntei quantos quilômetros dava de Pouso Alegre a Paraisópolis. 60km. Eu disse: “to indo pr’ aí agora”. Desliguei o telefone e fui pra lá. Putz... A hora que o cara chegou perto do carro não era nada daquilo e eu quis morrer! Primeiro, porque *eu não*

gosto de bicha. Você sabe diferenciar, lógico! O cara abria a boca e era só purpurina que saía. Nossa, meu Deus, eu só pensava “como é que eu vou sair dessa?”. E o pior é que eu não sei dar o fora... [risadas] [grifos meus]

Vladimir compôs um verdadeiro itinerário de cuidados: desde os meios pelos quais viabilizar sua experiência sexual até a escolha – idealizada – do parceiro, passando pelo “detalhe” de o encontro ter-se realizado em outra cidade, próxima de Pouso Alegre.

Tudo teria terminado bem não fosse o candidato a parceiro reunir uma série de características desprezadas pelo depoente não só por uma questão de desejo, mas também por uma questão de auto-preservação: é preciso ser exterior a todos os sinais que evoquem a estereotípia do “homossexual” e o que, grande medida, contrapõem-se a essa representação presente no senso comum é a masculinização dos comportamentos.

Não se afirma aqui que todo homem que faça sexo com outro homem, masculinizado, seja, como se considera Vladimir, “enrustido”. Nem que todo “enrustido” tenha um comportamento masculinizado. O que se observa neste estudo é justamente a função da masculinidade modelar e a iniciativa de masculinizar-se ou exigir do outro que se masculinize. Esse processo conforma um mecanismo de proteção, na medida em que, em oposição ao afeminamento é pensada como capaz de afastar os sujeitos de uma identificação enquanto “bicha”, “viado”, “homossexual”, “gay”, ou qualquer outra forma de denominação chula ou politicamente correta que traduza o aprisionamento em rótulos (OLIVEIRA, 2002, p. 240).

Dentro da concepção idealizada de virilidade, existem coisas que um rapaz deve aprender para se tornar um homem com êxito. Dor e agressividade já foram mencionadas. A outra, e esta deve ser olhada atentamente, é posicionar-se como referência à outridade da masculinidade, expressão do desejo pelo mesmo sexo. Nessa lógica, um homem que sinta atração sexual ou faça sexo com outro homem é, senão, um não-homem no senso comum.

Parte desse processo de aprendizado, a homofobia desempenha importante função para a construção do referencial modelar de homem e de sua outridade. Ela funciona como um processo de discriminação, produtor de marcações culturais que se dirigem contra aqueles que “... se afastam, ou... se atribui algumas qualidades (ou defeitos) [marcação presente no texto citado] atribuídos ao outro gênero” (WELZER-LANG, 2001, p. 465), cuja função é deixar clara a diferença dentro de um grupo social que espera não haver casos que se afastem das expectativas de pertencimento e identificação pautadas em suas características particulares (GOFFMAN, 1988, p.14).

No caso do “ser homem”, esse estigma associam “... aos homossexuais os homens que apresentam sinais de feminilidade (voz, roupas, jeito corporal) [marcação presente no texto citado]. Os homens que não mostram *sinais redundantes de virilidade* [grifo meu] são associados às mulheres e/

ou a seus equivalentes simbólicos: os homossexuais” (WELZER-LANG, 2001, p. 465).

Quando Vladimir diz “não gostar de bicha”, logo a seguir ele empreende um processo de estigmatização e assinala seu candidato a parceiro como sua outridade. A estigmatização se dá em duas frentes: primeiro, ao situar os termos dessa outridade – “você sabe diferenciar, lógico!”; em seguida, através da metáfora, posiciona o sujeito fora do masculino dimensionando nele o afeminamento – “o cara abria a boca e era só purpurina que saía”.

Não se trata de um processo simples esse de estigmatização pautado na masculinidade modelar. Basta observar como essa masculinidade é valorizada, inclusive, por aqueles contra quem a homofobia se dirige com mais força, quer sejam aqueles homens que fazem sexo com outros homens encarados por outros – e às vezes por eles mesmos, embora seja mais difícil alguém se admitir enquanto tal, conforme foi possível observar – como afeminados.

No depoimento de Vladimir, o possível parceiro demonstra um especial fetiche por homens peludos, másculos e ativos, mas não diz a ele sobre a possibilidade de não corresponder às suas expectativas; no depoimento de Airton, seus amigos procuram justamente aqueles rapazes que se opõem à estereotipia do sujeito que deseja o mesmo sexo e se submetem à relação hierárquica que os usa e depois se volta contra eles.

Dentro das sociabilidades orientadas pelo desejo pelo mesmo sexo, conforme foi apreendido do conjunto das narrativas biográficas registradas, o cuidado ou a exterioridade com relação ao afeminamento é medido através da discrição que determinado sujeito consegue ter, uma medição que é sempre relacional. Lucas¹⁹ explica essa relação:

(...) Eu sempre achei que eu era discreto. Isso é o que eu penso. *Tem pessoas que me acham discreto. Outras me acham super discreto em vista de outras pessoas.* Não sei o que querem dizer com isso. Não sei quais pessoas elas conhecem ou que estão se referindo. Tem pessoas que falam que a minha voz é meio afeminada. E eu me importo um pouco com isso, porque a minha voz não é bem a minha voz. Porque na adolescência, naquele período de transição, eu fiquei com um pouco de *medo de ser homossexual* e ter uma voz máscula. Então, eu meio que bloqueei psicologicamente pra não amadurecer muito a voz. Aí, acabei ficando com essa voz meio que de criança, meio afeminada. Então, o que me incomoda um pouquinho é a voz. Não só pelo que as pessoas dizem, também porque eu não gosto. Eu acho que eu podia ter um outro timbre de voz... mas não afeminado como as pessoas falam que é... [grifos meus]

Lucas nasceu em Pouso Alegre em 1985. Filho mais velho de uma dona de casa e de “um aposentado da área administrativa”, como se restrin-

¹⁹ LUCAS, vinte e um anos, solteiro, estudante universitário. Entrevista realizada em 14 de novembro de 2005. Aprox. 40 minutos.

giu a dizer, tem uma irmã adolescente. Costumava prestar alguns trabalhos contábeis como *office boy* na época em que concedeu a entrevista e à noite, estudava Direito em uma instituição particular, cujas mensalidades eram pagas pelos pais. Reside em um bairro na periferia da cidade com a mãe, divorciada de seu pai. Considera-se assumido para si, pois a família não sabe de suas preferências e não há pretensão por parte dele em contá-las por considerar, a exemplo de outros depoentes, uma atitude desnecessária.

Como essa “discrição” questionada por Lucas é algo presente em todas as narrativas colhidas, não somente nas que são trabalhadas neste texto, observar o grau de discrição de um homem que faz sexo com outros homens compõe uma estratégia de reconhecimento de um igual e, a partir daí, de valoração deste sujeito. Estabelecer a comparação é fundamental para que esses homens possam situar suas próprias referências e empreender negociações junto desses variados graus de invisibilidade que os protege em suas múltiplas relações sociais.

Quando Lucas diz que há pessoas que o acham “discreto” e depois outras que o acham “super-discreto em vista de outras pessoas”, esfumaçam-se os limites dessas comparações. O que está em questão é a valoração de condutas e corpos através da redundância de sinais de virilidade, cujo impacto sobre o depoente gera uma vontade de ter um timbre de voz mais grosso, “ másculo”, “ não afeminado, como as pessoas falam”, e que tem a ver com o seu “medo de ser homossexual” na adolescência.

Tal “discrição” que incide sobre os sujeitos produzindo neles ansiedades, expectativas e frustrações, igualmente volta-se para o desenho dos territórios urbanos, na medida em que a capacidade de não ser percebido também recai sobre os ambientes lúdico-festivos de Pouso Alegre.²⁰

Nos bares dos anos 1970 e 1980, conforme assinalou José Mário, era preciso não “dar bandeira”, mas a descontração e a bebida acabavam ajudando alguns homens a “se revelarem” quando já estavam “lá dentro”. Com o risco de agressões físicas, concorria também a possibilidade de agressões verbais, mais comuns,²¹ como as dirigidas a Alexandre na época em que ele e seus amigos freqüentavam um desses bares. Ele diz:

²⁰ De acordo com Tony e depoimentos informais, a primeira boate da cidade foi a de Tony. Em 1999 foi inaugurada a boate Banana, que se valeu do espaço de uma casa noturna fechada no centro da cidade. Em 2000 o Banana foi para a rodovia JK, no km 459, onde também funcionou outra casa noturna da cidade. O Banana encerrou suas atividades em 2004. A partir de então, a boate foi administrada por diversos proprietários e mudou de nome diversas vezes. Foram organizadas na cidade também, a partir de 2004, festas esporádicas em outros locais fora da boate. Em 2005 foi inaugurado um bar, na periferia de Pouso Alegre, o Fama. E em 2007 outra boate, a Apple, foi aberta para não durar um semestre.

²¹ Dos depoimentos coletados, foram poucas as experiências de agressão que disseram respeito a agressões físicas. Conforme foi percebido, a maioria dos atos de preconceito foi levada a termo através de insultos, provocações, piadas ou comentários desdenhosos. Em apenas três histórias de vida, de vinte e três, aparecem menções a agressões físicas.

(...) Eu lembro uma vez que a gente estava no bar e teve um cara que virou e – a gente tava muito *saliente* no bar mesmo – ele virou e falou: ‘Aquele cara lá é viado!’ Aí eu virei e disse: ‘Você tá falando de mim?’; ‘É! Você é viado!’, na frente de todo mundo. Aí eu peguei e falei, levantei da mesa e disse assim: ‘*Eu provo pra você que eu sou viado, agora, prova pra mim que você é macho, que você é homem.* Vamos ver aqui qual de nós dois é mais macho. [O rapaz:] ‘Eu posso te encher de porrada!’ . [Alexandre:] ‘Eu também posso te encher de porrada! Tudo o que você fizer, eu faço. Agora, faz o que eu faço, vamos ver quem de nós dois é mais macho’. Aí o povo veio apartar. Ele ficou desmoralizado, todo mundo começou a rir e a bichaiada aplaudia! [grifos meus]

O depoente descreve a presença dele e de seus amigos no ambiente com a palavra “saliente”. Saliência como metáfora para afeminamento e exposição. Lembrando não se tratar de um espaço voltado para sociabilidades articuladas em torno do desejo pelo mesmo sexo, está implícito que a “boa circulação” dos sujeitos que desejavam o mesmo sexo dependia de uma capacidade para manterem-se invisíveis, de “fazer a linha”. O que prende a atenção neste caso é tanto a relação do ocorrido com a trajetória de vida do narrador, como o desfecho da agressão: a desmoralização do agressor por não conseguir situar o agredido como sua outridade.

Alexandre tinha, no momento da realização do depoimento quarenta e sete anos de idade. Não era pouso-alegrense e como outros depoentes, nasceu e passou a infância em uma pequena cidade do sul de Minas próxima a Pouso Alegre, para onde foi com a família em mudança, aos 15 anos de idade, para estudar. De lá saiu para fazer graduação em São Paulo.

Um dos vários dilemas que enfrentou nesse período dizia respeito à escolha de seu curso superior. Considerava sua opção vocacional – voltada para as Artes – como não sendo “curso de homem”. Começou um curso distinto, mas desistiu e optou pela vocação. Terminou a graduação, retornou a Pouso Alegre com vinte e seis anos e depois foi para o Rio de Janeiro, onde passou alguns anos até voltar novamente a Minas, no começo da década de 1980.

Atualmente, não trabalha diretamente com a área na qual se formou: é proprietário de uma micro-empresa de eventos. Mora com os pais, que possuem idade avançada e estão sob seus cuidados. É o quarto irmão de cinco filhos, os primeiros três, mulheres, depois ele e outro rapaz. Considera-se assumido, mas nunca falou aos pais sobre sua orientação por considerar não haver necessidade de se tornar nada explícito para eles.

Alexandre teve uma relação “difícil” com sua sexualidade no começo de sua adolescência, conforme ressaltou. Na época em que estudava no Rio, começou a fazer psicoterapia e sentiu que sua vida e sua auto-estima cresciam a passos largos. Quando voltou a Pouso Alegre, já havia experimentado toda a efervescência da vida “gay” carioca e sentia que a cidade sul-mineira o aprisionava. Foi quando decidiu, de acordo com suas palavras, “radicalizar”, optando pelo afeminamento como estratégia de agres-

são, visando devolver todo o preconceito recebido à sociedade. Por essa razão, ele e um amigo faziam questão de passear pela avenida principal da cidade quando saiam do curso de balé vestindo malha e sapatilha, com o intuito de “escandalizar”.

No bar, quando o agressor se dirige a ele, no sentido de humilhá-lo, o revide é imediato. Alexandre devolve para seu agressor a tarefa de provar o que fazia dele menos homem que aquele que o insultava. A chave da provocação de Alexandre era mostrar que não era o fato de seu desejo dirigir-se a outro homem que o fazia menos viril. Muito menos o fato de estar “saliente” no bar, já que aquela condição de nada o impedia de fazer tudo o que seu agressor fizesse, inclusive partir para o embate físico.

É importante perceber que o afeminamento, da mesma forma que a masculinização, é uma construção social e uma experiência contextualizada, nada tendo que ver com natureza. Até porque, em outro momento de sua narrativa Alexandre assinala que agredir as pessoas com sua “saliência” deixou de fazer sentido em sua vida, adotando, por sua vez, um estilo mais, conforme palavra sua, “discreto”. A mesma distinção referida pelos depoentes para preservarem-se.

Essa “discrição” tem servido a Alexandre recentemente em suas estratégias de conquista afetivo-sexuais. Pelo fato de ser muito conhecido na cidade e trabalhar com uma clientela que ele classifica como “classe A”, prefere ir para os bairros de periferia para obter parceiros sexuais, já que, explicou-se, em ambientes centrais não conseguiria nem mesmo sentar-se a uma mesa por conta dos cumprimentos que dispensaria às pessoas de tão conhecido que é.

Nos bares de periferia visados pelo depoente os sujeitos abordados por ele apresentam-se e consideram-se “heterossexuais”, o que não é empecilho, no entanto, para alguma experiência sexual sempre alcançada depois de uma “boa conversa”, conforme revela:

(...) Eu tenho um segredinho: se a coisa tá muito difícil eu pego e falo assim: ‘escuta, se eu te cantasse, como que você iria reagir?’. E eu, antes que ele me diga que me encheria de porrada, eu digo: ‘ó, eu não estou te cantando, eu digo ‘se’’. Aí, pra bom entendedor, meia palavra basta. Lógico que depois de um bom papo. Tudo depende da sedução. E é impressionante como muda na hora, porque é assim: *essas pessoas têm convicção que são héteros. Se ela sai com um gay, o viado é sempre o outro*. Ele não consegue assumir que está tendo uma relação homossexual ali na hora. É uma relação entre dois homens e o que é isso? Então é aquela coisa, assim, batida: *viado é só aquele que tá dando*. (...) Mas eu já transei com muita gente, assim, numa boa, eles virando pra mim [risadas]. Não ligo, até gosto, mas *pra eles o viado ali era eu, nunca eles, sabe?* Quando é sexo por sexo, aí acabou, não tem mais nada. [grifos meus]

Através dessas experiências relatadas por Alexandre é possível perceber uma relação complexa estabelecida entre a experimentação de dife-

rentes territorialidades e os tipos de masculinidade exigidos em cada uma delas pelos sujeitos envolvidos.

A identificação dos lugares e de seus freqüentadores define os territórios pelos quais os sujeitos deslizam constantemente, ao mesmo tempo em que existe um cuidado de vários sujeitos para não serem fixados em um único tipo de território ou identidade, de modo que seguem experimentando diferentes códigos-territórios, de acordo com as redes de sociabilidade nas quais se inserem (PERLONGHER, 2005, p. 276), tais como família, trabalho e amigos.

A agressão sofrida por Alexandre no bar é uma forma de marcação realizada no sentido de assinalar quais sujeitos estão fora ou dentro de seus lugares. Apontar o outro como “viado”, além de desqualificá-lo enquanto homem significa, também, excluí-lo de uma experiência na cidade, na medida em que fica subentendido com a “saliência” que a diferença não é bem vista senão quando invisibilidade.

Décadas depois, Alexandre vem experimentar a invisibilidade não como pressão, mas como estratégia de conquista, bem como proteção de suas relações de trabalho. Apesar de explicar que todo o seu círculo social sabe de suas preferências, ainda assim prefere manter sua “discrição”, exercendo seus jogos de sedução e trocas sexuais na periferia, longe dos olhares ou da exposição escolhida como afronta.

Esse homem que se pensa “heterossexual”, mas que às vezes se coloca na posição de passivo nesses contatos fortuitos entende o outro da relação como “viado”, conforme relata Alexandre, porque é a obtenção do prazer a única coisa que importa – “quando é sexo por sexo, aí acabou, não tem mais nada”, diz ele – e atingido o gozo, devolvem-se para a concepção de masculinidade idealizada que de maneira ambígua permeia a existência de ambos, mesmo sem perceberem-na.

Na experiência de Alexandre pelos bares de periferia, embora a homofobia mire o “outro da masculinidade”, não são exatamente as práticas sexuais com outros homens os seus alvos, mas o afeminamento e aqueles sujeitos que o conformam, na medida em que é preciso estar em exterioridade ao feminino para que o risco de ser considerado “homossexual” não exista. E essa exterioridade é, não raro, manter-se invisível. No contexto da periferia, Alexandre é o “estrangeiro” e essa exterioridade é o que ajuda a validar, inclusive, a exterioridade do seu parceiro à “identidade homossexual”; no contexto de Alexandre, é melhor que seu parceiro fique longe do escrutínio de seus círculos, preservando-lhe a discrição.

ARREIMATE

Existe uma preocupação muito forte com relação à masculinidade em si e nos outros presentes na fala dos depoentes. Uma preocupação que conduz à formulação da “discrição” como mecanismo de proteção e ao

mesmo tempo como instrumento de avaliação de outros homens que fazem sexo com outros homens.

O que essa “avaliação” reflete, no entanto, é a multiplicidade das masculinidades colocadas sob análise e julgamento, até porque, o grau de discrição obedece a uma escala relacional. E essa relação não tem parâmetro, pois ao se considerar a masculinidade descolada do ideal de virilidade emerge distintas maneiras de ser homem e a expressão delas sem o medo e sem a repressão que partem de dentro para fora e não do sentido contrário.

Como cada depoente traz consigo uma história e um conjunto de valores e vivências experimentadas não só em Pouso Alegre, mas em diversas outras cidades, é possível apreender os conflitos entre a dinâmica de vida dos contextos urbanos maiores nos quais viveram e a dinâmica de uma cidade que somente se industrializa na década de 1970, e que até hoje é influenciada pelo conservadorismo religioso. É possível apreender ainda como a formação familiar na qual foram criados contribui para um cuidado com a imagem de si e aquilo que devem ou não os pais saberem de seus filhos.

Como a performance dessa masculinidade modelar encontra sempre alguma razão de ser para funcionar como proteção, mais que como discriminação, cabe aqui questionar a referência hétero-normativa e seus efeitos sobre a experiência do desejo pelo mesmo sexo, sobre a formação de subjetividades, sobre a existência em constante negociação, sobre, enfim a formação de enredos que se inscrevem sobre os corpos dos sujeitos como formas de relação com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, E. M. *A cidade e o “mal necessário”*: zona de prostituição e marginalidade social em Pouso Alegre-MG (1969-1988). 2005. 164f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BADINTER, E. *XY*: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que importan*: sobre los limites materiales e discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2005.

FOULCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. Vol. 1.

FREITAS, J. M. *Migrantes paulistas no Bairro da Árvore Grande*: migrantes paulistas no Bairro da Árvore Grande. 2003. 47fls. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Eugênio Pacelli, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre.

FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, n. 81).

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOUVÊA, O. M. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Graficenter, 1998.

GREEN, J. N. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 271-295, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tabela 202: população residente por sexo e situação (1970, 1980, 1991)*. S. d. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 mar. 2005.

JAGOSE, A. R. *Queer Theory: an introduction*. New York: New York University Press, 1996.

MACRAE, E. Em defesa do gueto. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 291-308.

MISKOLCI, R. Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, n. 13-14, p. 109-126, 2002-2003.

MODESTO, J. C. *Pouso Alegre ou um triste pouso? Como a industrialização mudou nossa cidade*. Pouso Alegre: Graficenter, 1997.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

PERLONGHER, Nestor. Territórios marginais. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 263-290.

PREFEITURA Municipal de Pouso Alegre. *A cidade*. S. d. Disponível em: <<http://www.pousoalegre.mg.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TORRÃO FILHO, A. *Tribades Galantes, Fanchonos Militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus, 2000.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.